
BLOGUEIRAS FEMINISTAS E ANÁLISES LITERÁRIAS: O contrato sadomasoquista de Cinquenta Tons de Cinza.

Mickaelly Moreira de Araújo¹

1. Introdução

Lançado no ano de 2012, o livro *Cinquenta Tons de Cinza* (*Fifty shades of Grey*) da escritora inglesa Erika Leonard James, alcançou público recorde, sendo consumido principalmente por mulheres adolescentes. O enredo narra a vida de Anastasia Steele, jovem, estudante de literatura e com planos profissionais e de vida que se modificam na medida em que esta se envolve com Christian Grey. O desenrolar da trama se dá principalmente nas relações contratuais que este mantém com as mulheres com as quais se “relaciona” sexualmente e que mais tarde tenta firmar com Anastasia. O livro, que ocupa as prateleiras das leituras eróticas, narra experiências de um sadomasoquista (ou BDSM), que foi vítima de violência sexual na infância e reproduz práticas de dor para garantia do próprio prazer. Assim, vamos acompanhando cenas de submissão por parte da personagem principal e de violências que se materializam para além dos atos sexuais. Christian se torna sabedor de toda a rotina de Anastasia e ditador de práticas cotidianas praticadas por ela.

A nossa análise crítica no trabalho proposto parte de como as blogueiras feministas receberam o romance e quais os posicionamentos críticos destas no que diz respeito ao enredo. Para tanto, pesquisamos os dois principais blogs, que se posicionaram sobre o assunto e analisamos os conteúdos polêmicos que acompanharam a trilogia, não dispensando a criticidade e o apropriamento das discussões que pautam o feminismo.

2. Metodologia

É importante nos colocarmos como pesquisadoras que se fundamentam no método materialista dialético para que compreendamos a realidade do recorte feito nesse trabalho inserido num contexto de totalidade. Ou seja, o livro foi escrito e apropriado pelo público

¹ Estudante do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais da UERN. mickaelly-araujo@hotmail.com.

dentro de um contexto histórico, atendendo demandas que vão desde o interesse do mercado até os gostos juvenis. Além disso, somos e nos colocamos nas análises, como feministas. Ou seja, toda a discussão tem embasamento teórico feminista.

A pesquisa é de natureza qualitativa. Dessa forma, nos aproximamos de textos escritos e publicados por blogueiras de 02 grandes páginas, com um número relevante de leitoras e com alcance nacional. O número de blogs visitados teve dois fatores relevantes. Primeiro, foram 02 das escritoras feministas que se propuseram a fazer essas discussões, segundo o alcance das narrativas.

A pesquisa é documental e bibliográfica. As nossas apreensões partiram de leituras previamente feitas e de aproximações com autoras feministas que compreendem categorias como gênero, violência e patriarcado. Assim, conseguimos analisar as postagens de forma crítica e argumentativa, fazendo esse movimento dialético de apreensão.

3. Resultados e Discussões

Anastasia Steele conhece Christian Grey enquanto o entrevista, a pedido de uma amiga com quem divide residência. Christian obedece a todas as características de um jovem rico e bem sucedido. Nesse primeiro contato, a autora é franca ao nos dizer que Stelle “descobre nele um homem atraente, brilhante e profundamente dominador”. A personagem vai se mostrando página após página, movida por um desejo que ultrapassa as características de ingênua e inocente, destacadas pela autora. O que nos envolve na narrativa é o fato de que, o personagem, embora completamente reservado, também vai dando apontamentos de um envolvimento por ela.

O que diferencia a obra citada das demais narrativas juvenis, é o seu caráter erótico. Desde o momento em que Grey tira a virgindade da personagem principal até os momentos em que vamos descobrindo os “gostos peculiares” dele, as cenas de sexo são descritas e detalhadas. Se continuarmos a apresentar o resumo da obra, desdobraremos a discussão na hesitação da Stelle ao se aproximar dos atos sandomasquistas de Grey. Podemos ler no resumo da própria obra a descrição de que Grey é “um homem atormentado por demônios do passado e consumido pela necessidade de controle”.

Não nos limitaremos às compreensões sentimentais que são tentadas na obra. Mas nos atos que fazem do personagem alguém suscetível à análises que o aproximam de violentadores machistas e reprodutores de uma lógica predominantemente patriarcal. Sobre o patriarcado, Delphy nos diz que o sistema patriarcal se trata de,

(...) uma formação em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres (2009, p.173).

O patriarcado é, portanto, um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres e se fundamenta na desigualdade e nas expressões de violência sexista. Trazer essa categoria para um trabalho que se propõe a analisar uma obra como a que apresentamos, é admitir as contradições e as reflexões sociais contidas nela. O que podemos observar nas opiniões emitidas pelas blogueiras é a discussão permanente e o consenso de que a obra traz elementos de dominação e violência que são, por vezes, romantizados.

É óbvio e relevante comentarmos o grande sucesso de vendas. Segundo O globo (2014), Cinquenta Tons de Cinza ultrapassou a marca dos 100 milhões de cópias vendidas. Ora, estamos falando de um livro que despertou a curiosidade e que foi uma aposta no investimento em divulgações. Estamos escancarando uma literatura erótica, que polemiza o sexo e o sadomasoquismo, ao mesmo tempo em que traz elementos de romances antigos entre jovens de classe alta e moças de classe média.

E sobre a relação econômica dos personagens, destacamos fatos que são compreendidos na literatura. Primeiro, estamos falando de um personagem rico, capaz de comprar carros, telefones celulares e até mesmo a empresa na qual Ana trabalha, para controlá-la e controlar as relações externas que esta mantém. Posterior a isso, pensamos na relação de anonimato mantida por ele, tratando da sua vida particular e dos seus relacionamentos anteriores. Para isso, Grey cria um contrato com regras que ultrapassam a relação sexual sadomasoquista.

No contrato do qual falamos, as regras são expressamente óbvias e detalhadamente precisas. E vão desde as obrigações do “dominador” como ele se autodenomina até a aceitação da “submissa” em ser objeto de desejo. E até aqui, assumiremos que não faremos uma reflexão profunda do que seja a prática sadomasoquista, mas compreendemos que os fatos que se estendem para além dos prazeres sexuais são semelhantes aos que apreendemos como violência. Entre as cláusulas encontramos termos tais como esse, que compreende a submissão da personagem e o total poder de punição por qualquer ação julgada inaceitável por parte do dominador. A autora narra,

15.5 - O Dominador pode disciplinar a Submissa conforme o necessário para assegurar que a Submissa valorize plenamente seu papel de subserviência ao Dominador e para desencorajar condutas inaceitáveis. O Dominador pode açoitar, espancar, chicotear ou castigar fisicamente a Submissa como julgar apropriado, para

fins de disciplina, para seu prazer pessoal, ou por qualquer outra razão, a qual não é obrigado a explicar. (E L JAMES, 2012, p.152)

Prosseguimos com o controle da sexualidade, expressamente descritos no termo em que diz que “15.17 - A Submissa assegurará adquirir contraceptivos orais e assegurará fazer uso dos mesmos conforme o prescrito para evitar a gravidez” e na cláusula que proíbe a aproximação da personagem com o próprio corpo “15.19 - A submissa não se tocará ou se dará prazer sexualmente sem a permissão do Dominador”. Ora, estamos falando de uma jovem com 21 anos, que acabara de perder a virgindade e tem experiências sexuais completamente limitadas. O controle sobre o corpo da mulher é elemento fundamental do patriarcado e reafirma o poder masculino tratado como algo natural.

Podemos defender Ana das práticas sadomasoquistas reais e praticadas por muitos sujeitos, quando percebemos a incompreensão dela sobre diversos aspectos e acontecimentos que acometem a relação dos dois. Sobre isso, o *blogueirasfeministas.com* argumenta,

“Christian é um *stalker*, manipulador, extremamente machista e condescendente (...) ele teoricamente seria o mentor de BDSM dela, mas não se comporta assim. Ele nunca informa a ela nada sobre as cenas que eles vão fazer. E por isso ela nunca pode consentir, que é o mais importante nesse tipo de prática, sobre o que vai ser feito. Ela não tem parâmetros para entender o que está vivendo (a relação BDSM) e ele se aproveita disso, da fragilidade e desinformação dela”

Ou seja, é óbvio que a inexperiência de Steele retira dela o poder de argumentação. Grey diz o que é possível ser feito para lhe proporcionar prazer, reclama do sexo convencional e a insere nos próprios planos sexuais, deixando a personagem a mercê do que é colocado pra ela como necessário para manter o relacionamento.

A blogueira encerra o artigo embasado em críticas que fundamenta a crença de Ana nos romances descritos nos livros – talvez por isso a autora a tenha colocado numa formação literária – resumindo a sua conclusão de que a obra tem uma base fortemente machista/repressora e nessa perspectiva nos diz que “é bem triste que ele faça tanto sucesso. O sucesso dos ‘50 Tons de Cinza’ é baseado no preconceito, na repressão sexual e no machismo da nossa sociedade”. Ou seja, a lamentação é pelo fato de que, elementos considerados normais e aceitos na sociedade são expressamente presentes no Cinquenta Tons. Sobre a aceitação da violência contra a mulher, Saffioti ressalta que, “a questão se situa na tolerância e até no incentivo da sociedade para que os homens exerçam sua força- potência- dominação contra as mulheres” (2015, p.79). A violência é, portanto, naturalizada e romantizada de tal forma, que até mesmo os sujeitos mulheres, não conseguem perceber-na nas obras literárias. E a obra não se distancia de situações vividas cotidianamente, a blogueira

continua,

“No fim, acredito que muitas pessoas gostam dessa trilogia porque os livros são o moralismo fantasiado de sacanagem. É uma relação entre duas pessoas em que uma é extremamente controladora e a outra, que não tem voz no relacionamento, é a salvadora. Não há novidades, nem mesmo no que se refere ao prazer feminino, muito menos aos papéis que homens e mulheres representam. É tudo preto no branco”.

Ou seja, a representação sexual da mulher é a da serventia. Dar prazer, pra se manter num relacionamento em que seus valores e os seus desejos são colocados em segundo plano, mas que tem uma perspectiva romântica e é nessa vertente que o *naomekahlo.com* permanece na compreensão do relacionamento abusivo naturalizado e na compreensão de elementos que permeiam configurações de violência,

Acontece que o que Mr. Grey faz não é conquistar. Perseguir, intimidar, tornar-se possessivo antes mesmo de terem qualquer relação como casal, avisar que é perigoso e que vai fazer mal a ela, porém, logo após isso, enviar presentes caros para sua casa (cujo endereço ele descobriu sem ela ter dado), rastrear seu celular para saber sua localização e levar Anastasia após ter bebido para o seu quarto de hotel NÃO configuram CONQUISTAR. Configuram um comportamento manipulador e doentio, cuja intenção é deliberadamente controlar a vida de Anastasia, antes mesmo de terem se beijado (não que isso seja aceitável em qualquer estágio de relacionamento)” [*Grifos do autor*]

“Além disso, ele a ESTUPRA. Sim. Depois de ela se recusar a transar com ele, as palavras usadas são: “Se você lutar, eu vou amarrar seus pés também. Se você fizer barulho, Anastasia, vou te amordaçar”, então ele força o sexo, enquanto ela diz “não” e tenta fazê-lo parar. Aparentemente, já que a escritora diz que Ana gostou da relação sexual, podemos ignorar o fato de que Mr. Grey ignorou completamente o fato de ela ter dito “PARE”. Sexo sem consentimento, imposto por violência ou ameaça é estupro SIM” [*grifos do autor*]

As críticas feministas à trilogia e essa compreensão de violência teve repercussão nacional, quando feministas boicotaram a exibição cinematográfica da obra, incentivando a campanha de doação dos valores do ingresso para organizações que trabalham com mulheres vítimas de violência.

4. Considerações Finais

Destaquemos a apropriação teórica feminista por parte das blogueiras quando estas se posicionam contra a violência que reflete o cotidiano de diversas mulheres. O livro traz elementos que nos permitem pensar a apropriação do corpo feminino pelos homens, a negação do prazer sexual às mulheres que as marcaram historicamente, a sujeição econômica que nos remete à negação dos espaços de trabalho às mulheres e a romantização da violência socialmente aceita e reproduzida, inclusive na arte.

Ora, se por um lado estamos falando de uma mulher que mora sozinha, que consegue destaque profissional, conseguiu ingressar no mercado de trabalho e romper com os laços familiares indo morar sozinha em outra cidade, por outro a vemos completamente submissa e vítima de um relacionamento abusivo e de práticas de violência que vão desde as palmadas que a deixam constrangida e infeliz até a sutil perseguição que o personagem faz nos espaços de trabalho, nas relações de amizade e nos momentos de lazer de Steele.

Como feministas, não podemos nos distanciar das discussões acerca de uma obra que alcançou um público recorde. Que traz elementos que refletem o cotidiano e que nos coloca numa relação de sujeição.

Não estancamos as nossas análises sobre a obra nesse artigo, mas as limitamos por ora, devido a sua natureza enquanto fruto de pesquisa científica. Prosseguimos admitindo que existem mais aspectos a serem observados na literatura, que refletem a nossa vida enquanto mulher inserida numa sociedade classista e patriarcal. As análises aqui apresentadas são resultado da compreensão de que necessitamos fazer o diálogo nos mais diversos espaços sobre as violências que nos acometem e se efetivam na nossa vida como algo natural.

5. **Palavras-chave:** Literatura; Sadomasoquismo; Feminismo.

Referências

DELPHY, Christine. “patriarcado”. In: HIRATA, Helena. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Diretora UNESP, 2009 b.

GLOBO. **50 Tons de Cinza**. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/50-tons-de-cinza-ultrapassa-marca-de-100-milhoes-de-copias-vendidas-11727715>> Acesso em 06 Fev. 2017

GUSMÃO, Liliane. **50 Tons de preconceito, repressão sexual e machismo**. Disponível em <<http://blogueirasfeministas.com/2015/02/50-tons-de-preconceito-repressao-sexual-e-machismo/>> Acesso em 06 Fev.2017.

NÃO ME KAHLO. **Romantização do abuso**. Disponível em

<<http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/02/13/50-Tons-de-Cinza-a-romantiza%C3%A7%C3%A3o-do-abuso>>

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.